

ISSO NÃO É BULLYING, É RACISMO

Rosângela Aparecida Hilário¹, Eduarda Francelino Vieiro²

1 Doutora em Educação, Universidade Federal de Rondônia,

marianamagno11@gmail.com

2 Mestranda em Educação, Universidade Federal de Rondônia,

eduardafrancelino2024@gmail.com

INTRODUÇÃO: A proposta deste resumo expandido é refletir sobre as diferenças conceituais e reais, principalmente no ambiente escolar, entre bullying e racismo, considerando suas origens, a partir de uma cosmovisão que defende o mundo não formado por “sujeitos universais”, mas pessoas. Embora ambos os fenômenos possam se materializar em violências físicas e emocionais, afetando de forma profunda crianças e adolescentes, eles não devem ser confundidos, explicaremos o porquê. O bullying caracteriza-se por agressões intencionais e repetidas contra sujeitos em condição de fragilidade, enquanto o racismo carrega uma dimensão histórica, cultural e institucional que atravessa as relações sociais no Brasil desde a sua colonização. Essa distinção é fundamental para compreender que, quando as crianças negras e pobres sofrem violência motivada pela cor da pele, pela textura do cabelo ou pela origem, não se trata de simples brincadeiras ou conflitos interpessoais, mas da reprodução de uma lógica de exclusão estrutural em nossa sociedade. Como aponta Aimé Césaire (2020), a civilização ocidental produziu uma máquina simbólica que desumaniza os povos negros, lógica que também atravessa a escola pública brasileira e inevitavelmente a escola pública do Estado de Rondônia. **OBJETIVO:** Nosso artigo tem como objetivo analisar a diferença entre bullying e racismo na escola, demonstrando como a camuflagem das violências raciais sob a categoria de bullying deslegitima as experiências de crianças negras, além de reforçar a invisibilização histórica e a naturalização do racismo no espaço escolar. Busca-se ainda evidenciar a necessidade de gestores e professores reconhecerem e enfrentarem tais práticas, de modo a construir ambientes educativos verdadeiramente emancipadores e antirracistas. **MATERIAL E METODOLOGIA:** Nosso trabalho fundamenta-se em pesquisa bibliográfica e análise de

produções acadêmicas e midiáticas voltadas à educação antirracista. Entre as referências utilizadas, destacam-se o artigo Racismo camuflado pelo bullying (2020), de Raquel Carapello, que apresenta casos e reflexões sobre violências racializadas em escolas, e o livro de Eliane Cavalleiro Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola (2001), que problematiza o silêncio institucional frente às práticas racistas. Também foi considerado o vídeo produzido pelo Canal Preto no YouTube, no qual a professora Benilda Brito, referência na área, discute a importância de diferenciar bullying e racismo, além de reforçar a necessidade de nomear adequadamente essas violências. A metodologia consistiu em leitura crítica, sistematização e articulação teórica dos materiais, de modo a relacionar conceitos e análises que ajudam a compreender os impactos sociais e pedagógicos do racismo escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: Os estudos analisados evidenciam que o bullying, apesar de grave, costuma ser tratado pelas instituições escolares como um problema restrito às relações individuais, sem necessariamente ser associado a fatores estruturais. Já o racismo, quando confundido com bullying, perde sua dimensão política e histórica, o que impede que seja combatido de forma adequada. Carapello (2020) ressalta que não se deve banalizar ou normalizar agressões, pois quando estas estão relacionadas à cor da pele, traços físicos e herança cultural, não configuram bullying, mas sim racismo. Essa compreensão é essencial, pois muitas vezes violências racistas são minimizadas como “zoações” ou apelidos, sendo silenciadas por professoras e gestoras, o que transforma a escola em espaço de perpetuação de exclusão e traumas. Cavalleiro (2001) reafirma essa análise ao destacar que a neutralidade da escola frente ao racismo compromete o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças negras, além de reforçar a falsa ideia de imparcialidade institucional, pois sabemos que não há espaço educativo neutro — essa neutralidade é uma farsa, somos seres históricos, sociais e políticos e isso se traduz em nossas práticas educativas. A contribuição de Benilda Brito também é central, ao afirmar que “racismo não é bullying”. Para a autora, confundir os dois fenômenos é reduzir uma estrutura de opressão coletiva a uma experiência individual, fragilizando as possibilidades de enfrentamento a essa violência, ainda tão latente nas escolas. Assim, fica evidente que o reconhecimento do racismo em sua particularidade e singularidade é condição indispensável para a construção de práticas pedagógicas emancipadoras. **CONSIDERAÇÕES FINAIS:** A análise desenvolvida neste trabalho aponta que confundir racismo com bullying representa um risco grave para a educação antirracista, pois impede a correta identificação das violências raciais e, conseqüentemente, o seu enfrentamento. O estudo reforça que o racismo no espaço escolar não pode ser visto como simples conflito entre crianças, mas como expressão de uma estrutura histórica que marca profundamente a vida de estudantes negros. A desconstrução

dessa lógica perversa exige uma escola que compreenda sua função política na produção de sentidos, na disputa contra a colonialidade e na construção de práticas pedagógicas verdadeiramente emancipatórias.

Palavras- chave: Racismo escola. Bullying. Educação Antirracista.